

RAGO, Margareth. **A AVENTURA DE CONTAR-SE**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 341 p.

Deivid Aparecido COSTRUBA*

A História do Feminismo no Brasil é um dos temas que vem crescendo na historiografia brasileira de décadas para cá. Apesar dos esforços de vários grupos de estudos feministas e de gênero, as pesquisas de aporte científico que trouxeram à luz a mulher e suas relações, sejam sexuais, políticas, sociais ou até mesmo com seu próprio corpo, ainda merecem uma devida atenção da historiografia brasileira.

As controvérsias entre as múltiplas formas de abordagem do tema continuam alimentando instigantes discussões e debates acalorados nos congressos científicos do Brasil afora. Mais do que isso, a grande polêmica gerada pela mídia, bem como pelas redes sociais ao divulgar a entrevista da *funkeira* Valesca Popozuda que faz a afirmação, “ser vadia é ser livre”, dão novos rumos ao feminismo contemporâneo. Quanto à polêmica, há os que defendem a ideia de que, a postura feminista adotada por Valesca nada mais seria que uma estratégia de *marketing* pessoal, numa época do “tudo ou nada”, para se afirmar na televisão. Ou aquelas que apontam a postura da cantora como um recurso para satisfazer um fetiche sexual masculino. Ou ainda, outras acreditam que é uma atitude combativa ao patriarcado e à hierarquização binária da sociedade atual. Contudo, muitas feministas têm ressaltado a importância de ideias combativas como estas que, aliadas a uma teorização de conceitos e práticas feministas, possam trazer o debate não só para os círculos intelectuais, mas também para além das plagas acadêmicas.

Margareth Rago, ao contrário, muito mais do que trazer discussões frutíferas para o feminismo contemporâneo, também ensina a escrever um trabalho de aporte científico, sem deixar a leitura enfadonha. Neste seu livro, desvenda a ação das militantes e se insere na complexa história de sete mulheres feministas ao acompanhar suas narrativas autobiográficas sob a ótica de *Foucault*, e também se nutre das ideias de *Deleuze* e *Guatarri*.

Nesse sentido, a publicação do livro de *Margareth* parece bastante oportuna para instigar a ampliação de nosso olhar historiográfico no exame da questão do feminismo e seus desdobramentos desde fins da década de 1960 até os dias de hoje. Assim, é necessário mais pesquisas com este propósito, com o intuito de esclarecer que a luta

* Doutorando - Programa de Pós- graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Univ. Estadual Paulista - Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo - Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: costrubahistunesp@hotmail.com.

feminista é dinâmica e possui tanto avanços, como recuos; tanto alegrias, como tristezas; tanto conquistas, como perdas.

Ao considerar este solo comum, a obra *A Aventura de Contar-se*, como bem esclarece Foucault, parece sugestiva de denominá-la parresiasta. Aqui se alude ao termo grego *parrhesía*, isto é, afirmação ousada. Também pode ser entendida como uma enunciação verdadeira, sem lisonjas. É o modo de se falar francamente algo, não importando para quem ou o que foi dito a pessoa. Mais do que isso, é uma fala que não teme o medo, a raiva, a fúria do ouvinte. Na verdade, exigiu coragem de seu interlocutor, ou seja, demandou a bravura de Margareth Rago contra toda a opressão da cultura misógina na qual se vive nos dias de hoje.

A historiadora está profundamente envolvida com o objeto de que estuda. É sob a perspectiva de uma história militante que a autora tece a vida de sete mulheres: Criméia Alice de Almeida Schmidt, Gabriela Silva Leite, Ivone Gebara, Maria Amélia de Almeida Teles, Maria Lygia Quartim de Moraes, Norma de Abreu Telles e Tania Navarro Swain. Neste sentido, os efeitos produzidos pelo advento do feminismo na cultura brasileira, nos últimos 40 anos, escreve a autora, tiveram como foco privilegiado de observação as experiências de invenção subjetiva e da inserção política dessas feministas.

Nesta linha, é bastante apropriada a forma como constrói seu livro, ao descrever do primeiro ao último capítulo os casos públicos e particulares de Criméia, Gabriela, Ivone, Amelinha, Maria, Norma e Tânia, como são carinhosamente chamadas por Rago. Ao relatar a infância, os medos, os sonhos e as realizações das personagens aqui retratadas, o livro transforma-se em um caleidoscópio feminista, por apresentar uma imagem polifônica de subjetividades e escritas de si entrecruzadas. Cada uma, ao mesmo tempo tão plural na maneira como aborda cada questão, mas, em contrapartida, tão singular no ensejo de cada conquista.

À guisa de introdução, Margareth Rago foge do academicismo e da cultura positivista e falocêntrica, como bem pontua Marcio Seligmann-Silva, e apresenta as balizas do texto que se inicia. A irrupção, o progresso e as consequências do feminismo na cultura brasileira são o pano de fundo da narrativa. Após a apresentação das sete guerreiras, vêm à baila os desdobramentos e reflexões teórico-metodológicas de *Foucault* e da dupla *Deleuze-Guatarri*. Sob os auspícios da teoria pós-estruturalista, os conceitos de *Foucault* como “estética da existência” ou “artes do viver”, “parrésia” e “escritas de si” são apresentados para fundamentar sua análise. Além do pensador francês, Rago se utiliza das ideias de *Arfuch*, crítica literária e especialista em estudos biográficos e autobiográficos, ao entender que narrar uma vida, mais do que representá-la, pode dar-se também um sentido a mesma. Segue-se, então, o desenho da obra em três partes: *Experimentações*, *Cartografias* e “*Um lugar no mapa*”.

Rago reconstitui minuciosamente o cenário de sua trama, a década de 1970. Época de mais vigor da ditadura militar, momento de plenitude das torturas, prisões, achincalhamentos em meio aos mandos e desmandos dos ditadores brasileiros. É neste contexto que ocorrem transformações no campo social, político e cultural no Brasil. Como esclarece Margareth, é o momento de experimentações dessas feministas, seja para reinventar suas subjetividades ou para se engajar em alguma causa política. É o momento em que Amelinha e Criméia estavam sob tortura e enfrentaram, mais do que a perseguição da ditadura, o preconceito masculino. Criméia, à época, sente-se ameaçada pela possibilidade de interromper a gestação de seu filho. Gebara, na cidade do Recife, é uma freira que leciona filosofia e teologia no Instituto de Teologia. Norma começa sua vida após a separação, depois de cinco anos de casada, e vai estudar na *Sorbonne*, em Paris. Maria acompanha seu marido à capital cubana, em razão da perseguição dos integrantes situados no DEOPS. Tania também foi à “cidade luz” para estudar, ocasião em que conheceu as teóricas francesas que ajudaram a criar o solo do feminismo brasileiro. Gabriela preferiu a prostituição, pois não se enquadrava a nenhum partido político e se identificava com a contracultura dos anos 1970, considerado lúmpen, “porra-louca”, marginalizado em relação ao *status quo*.

Segundo o dicionário Aurélio, cartografia é a arte ou ciência de se fazer cartas geográficas, isto é, mapas. Após a década de 1970, percebe-se um novo mapeamento do feminismo, em razão do desenvolvimento deste, bem como de suas ideias e posições. Cada uma, à sua maneira, pôde reinventar-se e criar práticas de si, pôde se inserir na História. Gebara entende que o pensamento hierárquico dogmático não lhe é mais suficiente. Em uma entrevista dada à revista *Veja*, manifesta-se favorável à descriminalização do aborto. É fortemente reprimida pela Igreja. Amelinha e Criméia criaram a União das Mulheres de São Paulo, em 1981. Já seis anos mais tarde, Gabriela fundou o *Movimento Nacional das Trabalhadoras do Sexo* na cidade do Rio de Janeiro. Norma iniciou seus estudos em antropologia e pesquisou sobre escritoras e artistas do passado. Tania, já em Paris, consolidou suas parcerias e aprofundou suas leituras feministas de libertação. Maria sofre intensamente pela morte do marido, fato que se abrandava com o apoio imprescindível da Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos.

Não basta cartografar, é preciso localizar o movimento incisivamente neste quadro. É o que se propõe Rago em *Um lugar no mapa...*, ao entender as condições de criação de espaços coletivos autônomos, fora dos partidos e sindicatos em fins dos anos 1980 e início dos 1990. Isto aconteceu diante da proximidade de vários grupos feministas com o marxismo na década anterior. Contudo, com a aproximação destes grupos, houve uma clara hierarquização de masculino e feminino, o que incomodava as feministas. Deste modo, essas mulheres, ao inaugurarem outras práticas de militância política e cultural, puderam

incorporar questões do cotidiano, da vida privada e das subjetividades de um enorme grupo de mulheres. Assim, romperam com o legado masculino, nas esferas institucionais do país. Contrariada com as palavras de *Friedrich Engels*, as quais mostravam que antes da divisão *social* do trabalho, havia a divisão *sexual* do trabalho – Amelinha foi expulsa do PCdoB e fundou a União de Mulheres de São Paulo (UMSP). Criméia empreende um trabalho detetivesco junto a outras militantes, sobreviventes e familiares para encontrar o paradeiro dos corpos dos desaparecidos políticos da Guerrilha do Araguaia. Maria, como bem afirmou Rago, buscou um “feminismo sensível”, ao perceber nos escritos da feminista que as relações de poder não são exteriores aos movimentos sociais, nem exclusividade de qualquer partido político, o que deve exigir uma postura crítica e um combate a fim de se privilegiar a autonomia do indivíduo. Com a ajuda da antropóloga e ex-primeira-dama Ruth Cardoso, Gabriela fundou a ONG Davida. Tratava-se de um projeto de fabricação de fantasias para carros alegóricos no Carnaval. A instituição se tornou nacionalmente reconhecida, ao envolver-se em programas de crianças carentes. Gebara consolidou suas ideias sobre a teologia feminista, oportunidade de renovação do pensamento dogmático, diante do conservadorismo e do poder masculino, sem antes, é claro, deixar de incomodar o alto escalão da Igreja. Com inúmeras palestras, livros, artigos publicados e, ainda, filiada à corrente de pensamento *Feminism Criticism*, Tania buscou um estudo epistemológico do feminismo. Já a obsessão de Norma se inseriu na tentativa de estudar, sob a ótica antropológica, as mulheres que ousaram transgredir as regras estabelecidas e, de pontuar os estereótipos e míticas contra os quais lutavam.

Ao se resenhar uma obra monumental e de tamanha grandeza que se propõe a entender o feminismo brasileiro nos últimos 40 anos, é necessário cortar, excluir, suprimir algumas passagens que, *en passant*, podem prejudicar o real objetivo do livro. Mas vale a leitura completa, que de maneira quase romanceada, mostra como Margareth Rago mergulhou na história de vida das feministas.

É possível entender o valor informativo e crítico da obra de Rago não apenas pelo caráter irônico que conduz à narrativa, mas também por ter escolhido uma farta documentação para formar as sete trajetórias. Também é necessário concordar com Marcio Seligmann-Silva, que faz o prefácio do livro e que pontua a obra como uma pesquisa de sete mulheres mais uma, a própria Margareth. Pesquisadora de temas relacionados à sexualidade, gênero, subjetividade, feminismo e anarquismo, escreve praticamente um ensaio de ego-história, já que nas entrelinhas se consegue perceber momentos de descontração nas entrevistas, suas posições teórico-metodológicas e seus anseios diante do tema que é sua paixão.

Por fim, *A Aventura de Contar-se* não é apenas uma importante obra para acadêmicos que se interessam pelo feminismo. Mais do que isso, serve como um manual

feminista para as futuras gerações, em meio ao momento atual fragilizado pelo assédio às mulheres em transportes públicos ou pelo comportamento extremamente heteronormativo, em outras palavras, machista, por parte da maioria da sociedade. Ou ainda, pode-se aquilatar a obra ao machado de duas lâminas denominado *labrys*. Espécie de cetro usado pela deusa da Terra *Deméter-Ártemis*, também é associado a inúmeras sociedades matriarcais. No atual século XXI, podem-se perceber inúmeras famílias geridas por mulheres, mas a busca por uma sociedade mais filógina, abrandaria a opressão.